

Congelamento de gametas

JULIANO SCHEFFER

Especialista em reprodução humana

A pesquisa científica tem sido a grande aliada da medicina reprodutiva nos últimos anos. O avanço das novas técnicas permitiu que muitos casais superassem seus problemas de fertilidade e realizassem sonhos até então impensáveis. Segundo dados do Ministério da Saúde, a incidência da esterilidade brasileira está em torno de 15%, sendo que em 35% dos casos a causa é exclusivamente feminina, em 35% masculina, 20% de ambos os sexos e 10% de causa inexplicada. No entanto, muito ainda tem o que se discutir a respeito dos procedimentos de reprodução humana assistida. Em maio, a Justiça brasileira, em uma decisão inédita, garantiu o direito a uma professora curitibana engravidar do marido morto. O casal, que era casado havia cinco anos, vinha tentando engravidar, e o contador Roberto Niels, quando recebeu o diagnóstico de câncer, foi aconselhado a congelar seu sêmen antes de iniciar o tratamento quimioterápico. Mesmo com o apoio da família, a mulher teve que recorrer à Justiça, pois não existe na legislação brasileira lei que regulamente a matéria.

Como especialista em reprodução humana e diretor do Instituto Brasileiro de Reprodução Assistida (Ibra) tenho acompanhado de perto as primeiras inseguranças, os medos e as grandes conquistas de casais e também de homens e mulheres solteiras que buscam um tratamento para a infertilidade. O congelamento de gametas, mas-

culino ou feminino, começa a deixar de ser um tabu para se tornar uma realidade muito mais eficiente. Esse congelamento de espermatozoides é usado comumente para preservar a fertilidade em homens e mulheres com câncer, antes de serem submetidos à quimioterapia, radioterapia e tratamentos cirúrgicos, que podem acarretar a falência da fertilidade.

O congelamento de gametas masculinos também é uma ferramenta necessária e fundamental para evitar novas intervenções em casos de coletas de espermatozoides cirurgicamente, como aspirado de epidídimo e/ou biópsia testicular. Ou seja, é muito menos traumático congelar o sêmen do que ficar retirando-o novamente quando a gravidez não se dá de primeira. O congelamento do gameta feminino é também uma grande conquista comportamental para a mulher. Com a técnica, as mulheres podem decidir o melhor momento para se ter um filho sem se preocupar com a idade. Dessa forma, a mulher que congelar oócitos aos 25 anos, terá muito mais chances de ser mãe saudavelmente aos 38 anos, por exemplo.

É sabido por boa parte da população que as mulheres, depois dos 35 anos, têm mais dificuldade de ser mães espontaneamente sem tratamentos. Isso porque a mulher nasce com cerca de 6 milhões de óvulos e perde milhares a cada período menstrual. O homem, ao contrário, não deixa de produzir espermatozoides ao longo da vida. No entanto, com o passar dos anos, algumas alterações espermáticas podem comprometer a capacidade reprodutiva masculina. Os espermatozoi-

des de um homem acima dos 40 anos vão perdendo gradativamente a motilidade – a capacidade de se movimentar –, uma característica essencial à fecundação. Isso quer dizer que ele encontra muito mais dificuldade de engravidar sua parceira do que um homem com idade inferior a 25 anos. Novamente voltamos à questão da idade como fator preponderante para uma gravidez. Não somente as mulheres, mas também os homens devem se atentar para a idade quando sonham em ter filhos sem ajuda médica.

Estudos revelam que 20% a 30% dos homens com diagnóstico de câncer já apresentam alguma alteração espermática. Infelizmente, também se constata que cerca de 50% deles não congelam seus gametas antes do tratamento, por falta de informação. Entretanto, no caso daqueles que o fazem e chegam a falecer, um dilema fica para a população. Como não temos legislação sobre técnicas de reprodução humana assistida, existem apenas normativas do Conselho Federal de Medicina (CFM). A primeira vitória foi a da professora de Curitiba. Em relação ao congelamento de gametas, temos no Ibra, um documento de consentimento informado que revela o destino desse material genético quando ocorre a morte de um dos parceiros. O que nós, da medicina reprodutiva, queremos é levantar o questionamento para se debater e esclarecer para a população todos os benefícios que a reprodução humana tem assegurado às pessoas. Com a ajuda das novas técnicas, a proporção do primeiro filho de mulheres acima de 30 anos quadruplicou nos últimos 30 anos.